

## Considerações sobre os dois princípios do desenvolvimento psíquico em S. Freud

*Cintia Martins Dias<sup>1</sup>*

**Resumo:** O texto discute a relação entre o homem e o real a partir de uma reflexão sobre as diferenças e a identidade dos dois princípios do desenvolvimento psíquico formulados por Freud. Sonho e fantasia, representação e racionalidade mostram-se não como instâncias que se excluem mutuamente, mas como tensões integrantes do complexo e conturbado relacionamento do homem com as diferenças, em seus empenhos para conquistar a si mesmo. O sonho, a fantasia, a criatividade aparecem como as instâncias mais arcaicas e originárias do conhecimento e do próprio homem. O sentido histórico dos caminhos abertos pela psicanálise apresenta-se, assim, como uma possibilidade para o homem moderno de reconquistar o sentido e o valor do sonho, da fantasia, da imaginação e de sua própria potência criadora.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento psíquico. Real. Conhecimento. Criatividade.

### Considerations on the two principles of psychic development in Sigmund Freud

**Abstract:** This paper discusses the relation between the man and the real based on a reflection on the differences and the identity of the two principles of the psychic development formulated by Freud. Dream and fantasy, representation and rationality show themselves not as mutually exclusive instances, but as tensions that are part of the complex and troubled relationship between man and its differences, in his efforts to conquer himself. Dreams, fantasy, creativity appear as the most archaic and original instances of knowledge and of man himself. The historical sense of the ways opened by Psychoanalysis thus presents itself as a possibility for modern the man to regain the meaning and value of dreaming, fantasy, imagination and his own creative power.

**Key words:** Psychic development; real; knowledge; creativity.

Nada nos é mais caro e valioso do que a própria realidade. A realidade constitutiva dos outros, das coisas, dos animais, dos vegetais, dos astros, a realidade da e na qual nós mesmos nos constituímos. Ao abrir os olhos e nos encontrar com a complexidade do mundo à nossa volta, sentimo-nos vivos.

Entretanto, ao mesmo tempo, nada nos é mais misterioso do que a própria realidade. Vivemos, inevitavelmente, essa dualidade radical. Desejamos e amamos o real. Tememos pavorosamente o real. Pois que este, desde sempre, já se nos retraiu, como se

---

<sup>1</sup>Dra. em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Núcleo Phaenomana do IFCS/UFRJ. Membro associado do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro até 2015. Especialista em Psicologia Junguiana pelo Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa.

houvesse mesmo, nos “traído”, mostrando-se para nós e em nós, em sua essência mais íntima e profunda, como o mistério mais insondável e derradeiro. Vivemos, assim, o enigma do conflito desta dualidade: desta ânsia e deste pavor, deste desejo e desta angústia. Desejamos ardentemente viver e, ainda assim, tememos, mais que tudo, a própria vida. Mesmo que este medo se nos apresente, porém, como o medo da morte. Pois que não há vida sem morte, existência sem limite. E, desta tensão, que a tudo funda e em tudo vige, nós, seres vivos e reais, não podemos escapar.

Na loucura, justamente, algo do que costumamos identificar com o real, a realidade e o “bom” relacionamento no mundo, parece falhar ou faltar. Mesmo que não nos demos conta, esta irrupção que acontece na loucura dá-se numa forte provocação em nossos conflitos mais íntimos com a própria realidade. Não só com a loucura as coisas dão-se dessa forma. Os próprios sonhos podem ser profundamente perturbadores para nós. Poderíamos dizer até que em maior ou menor grau, todo sonho, por trazer-nos um elemento contrastante com o mundo da vigília - aquele que geralmente costumamos entender como *real* -, nos é perturbador. Do mesmo modo, as possíveis formas que nossa imaginação pode vir a produzir, tendem a trazer-nos embaraço e até mesmo temor e angústia. Desde os mais remotos tempos, temos notícia do quanto os sonhos, especialmente os que mostravam prever fatos, assustavam e exigiam um grande esforço de interpretação de sacerdotes e adivinhos.

Ora, mas por que será que, acreditando ou não em adivinhos, tendo nascido no século IX, V a. C. ou no século XX, tudo isso continua a nos mobilizar e tanto parece nos atemorizar? Afinal, qual de nós, mesmo já adulto, nunca acordou perturbado por um pesadelo? Nosso problema não será, justamente, o fato de que já carregamos em nós, nos mais profundos e recônditos âmbitos de nossa constituição, um tenso relacionamento no real? Um psiquiatra, que veio a interessar-se muito pela psicanálise e acabou tornando-se um famoso professor e psicanalista, chamado Jacques Lacan, costumava dizer que o real não existe..., mas insiste! Como bom psicanalista, provavelmente, o dizia muito mais na intenção de uma brincadeira e uma provocação, do que propriamente de fazer alguma afirmação que visasse a uma verdade última e inquestionável a respeito da totalidade da existência. Até mesmo porque uma tal afirmação, que pretendesse acolher e expressar tal desejo, qual seja, o de revelar a verdade a respeito da totalidade do real – até mesmo porque tal desejo existe e também nos compõe -, exigiria uma outra estruturação discursiva. A afirmação de Lacan é, essencialmente, uma provocação, embora, sem dúvida, até mesmo para se constituir enquanto tal, se fundamente num questionamento mais profundo a

respeito da totalidade do real. E parece mesmo cumprir bem a intenção que a gerou, pois até hoje continua a nos provocar. E por que será que a afirmação continua tão famosa e provocativa? O grande problema de nossa existência não seria, justamente, o fato de que o real, ainda que nunca sejamos capazes de representá-lo fielmente, retê-lo e dominá-lo, insiste em existir e nos “atormentar”, em causar-nos desprazer? E, mais ainda, não insistiria o real em existir em nós, compondo, inclusive, essa nossa estranha dimensão que, apesar de todas as nossas investigações, psicanalíticas e muitas outras, identificamos muito vagamente e até assustadoramente, como o *inconsciente*? Ora, para nós mesmos, somos sempre o mais estranho... mesmo que disto nunca cheguemos a nos dar conta claramente sequer uma vez na vida. Pois este *real*, que nós costumamos identificar sempre “fora” de nós, nunca assim o está completamente. Seriam os outros, as coisas, a natureza reais e, nós mesmos, “irreais”? Em todo estranhamento que nos causa o outro, seja este outro quem ou o que for, vige, antes, o estranho que somos para nós mesmos.

O real existe, sim. E este é o nosso grande problema. Pois que o real não existe como a meta megalomaniaca e fantasiosa de nossas investidas no mundo, tanto na experiência quanto no conhecimento. Mas existe, sim, como o mistério que se retrai em toda tentativa de asseguramento da construção de nossas representações.

O outro existe. O estranho vige. E vige, acima de tudo, como nós mesmos para nós mesmos. E este mistério tem sido não só o mais difícil de suportar sempre, quanto se tornou a grande “pedra no sapato” da modernidade, pois o próprio espírito científico moderno exige o desprezo e o abandono do empenho pela busca da coragem de suportar e lidar com esse mistério.

Entretanto, querendo ou não nosso positivista espírito moderno, a vivência deste mistério, em nós mesmos, pode tornar-se bastante intensa afetivamente quando deparamos com os sonhos, as fantasias, a imaginação de uma criança, a loucura ou mesmo com o discurso a respeito do que não conhecemos, não estamos habituados ou mesmo não concordamos. Na fantasia, no sonho, na loucura fazemos uma experiência radical do estranho que em nós vige e nos constitui. E é desta experiência, qual seja, da realidade, do mistério na loucura, que Freud nos convida a pensar e respeito da própria realidade, de algum elemento nesta experiência que chamaríamos *de la fonction du réel*, a função do real: “algo” que parecemos perder na loucura. É, assim, a partir daí, da experiência com a loucura, seja nas chamadas neuroses ou nas chamadas psicoses, que Freud vai se indagar a respeito do que é propriamente essa *função do real*. É a partir do espanto proveniente da irrupção da fantasia e, mais ainda, da alienação gerada na vivência da loucura, seja na

neurose, em menor grau, mais localizadamente, seja na psicose, em graus mais abrangentes, que Freud pôde assinalar, como outros já o haviam feito, que “algo” é perdido, na medida em que a pessoa, nessa situação, fecha-se para o que geralmente chamamos de realidade. O que, então, é perdido? O que isso nos revela a respeito do próprio real e de nossa relação com ele? Ora, a indagação e o espanto relativos à tensão entre o que seria o real e a fantasia, a ilusão e o imaginário, são não somente antigos na história do pensamento, como, provavelmente, “atormentaram” desde sempre os homens. Ora, tais indagações nada mais são do que as expressões discursivas de nossos mais profundos anseios e medos com relação à vida e ao real. Pois, de fato, mesmo que assim nos pareça numa impressão mais imediata, não existe representação, construção discursiva, linguagem desprovida de carga afetiva. Não pensamos com a “razão” e deixamos as emoções em casa ou no armário. Por onde quer que vamos, o que quer que façamos, estamos inteiros, querendo ou não, sabendo ou não, estando à altura disso ou não. Por mais que, em nossas representações mentais, possamos “separar” razão de sentimento, pensamento de emoção, de fato, estes nunca se dão, separadamente, como coisas distintas, como gavetinhas de um criado mudo. Simplesmente, porque não somos coisas. Nosso ser, nossa existência não é uma coisa, por mais que as coisas do mundo constituam nossas vivências e possam trazer-nos muitos problemas... Podemos ter um criado-mudo, podemos fabricar nosso próprio criado-mudo, podemos até amá-lo..., porém, jamais seremos apenas como um criado-mudo.

Tais indagações sobre a diferença entre o real e o imaginário, a fantasia e a realidade, são uma das possíveis expressões da questão a respeito de qual a diferença entre as produções da mente humana e todo o restante das outras “produções”, seja da natureza, seja da própria técnica; questão que também pode, talvez, mais originariamente, se dizer: qual a distinção entre o eu e o outro? Assim, vemos que Freud, como nós, ao nos deparar com tal problemática, não se depara com um questionamento simplório e fácil de ser resolvido.

Aqui, talvez comecemos a poder perceber que a grande originalidade que nos propõe o pensamento de Freud, entretanto, não é a simples existência do princípio de realidade. Este, o próprio Freud já nos apresenta recorrendo às palavras de um outro autor também referindo-se ao fenômeno da loucura: P. Janet. Pois o real, de alguma forma, como humanos vivos, já sempre conhecemos, no sentido de termos nos encontrado com o real. Em nossa experiência de vida, rapidamente, entramos em contato com “algo” que chamamos de *realidade*. Logo cedo, pois assim já o notamos nos próprios bebês, pode-se perceber que comecemos a demonstrar nossos incômodos e perturbações com relação a

essa tal “realidade”. Ao discutir sobre a loucura, a fantasia, o delírio, as representações, o real e a realidade, temos que dispor, em alguma dimensão de nosso entendimento, de alguma compreensão do real, da realidade, do imaginário, do irreal. E, mais profundamente ainda, dispomos de uma experiência de “embate”, de crise, com o real em suas realizações. Se, por outro lado, podemos conhecê-lo ou não, ou até que ponto pode se dar esse conhecimento, entretanto, são questões que, apesar de provirem de nosso relacionamento no real e até, mais profundamente, moverem tal relacionamento, não eliminam o fato de, justamente, haver questões ou mesmo a questão a respeito do real. Por outro lado, o princípio de satisfação ou do prazer - o princípio através do qual nos empenhamos em nos desfazer do desprazer, dos incômodos - é relativamente fácil de ser observado tanto na clínica, no comportamento humano, como assinala Freud; como pode ser observado, até mesmo, nos animais e na natureza de um modo geral. A grande originalidade do pensamento de Freud foi, na verdade, mostrar a identidade destes dois princípios, como de um o outro se origina, tornando-se seu refinamento, sua sofisticação, seu amadurecimento.

A compreensão de tal identificação, i.é, da integração numa unidade destes dois princípios, só podemos, entretanto, experimentar a partir de sua distinção, mesmo que depois venhamos a determiná-los como momentos ou dimensões do desenvolvimento de um mesmo processo, de um mesmo fenômeno, a psique humana.

O princípio de realidade, na verdade, difere do princípio do prazer pela finalidade. Ainda que regido, em última instância, pela finalidade da satisfação de uma vontade, ele quer a própria representação da realidade existente, como dizemos em nossa tradição filosófica: o passado presente, a *quiddidade*, o *quid quod erat esse*, o que era ser (que já era antes mesmo de ele mesmo existir), a *essência* mais pura de tudo o que é. Isso porque o seu desenvolvimento é deflagrado pelo início do entendimento de que a compreensão do real é o meio mais eficaz de atingir, mesmo que posteriormente, seus objetivos. Ele quer meios de ter a realidade disponível para ele mesmo, ele quer manipulá-la a seu favor. Assim, porém, na realização extrema e mais plena do princípio de realidade, este se mostra em sua identidade (unidade) profunda com o princípio do prazer.

Em última instância, o princípio do prazer, ou o princípio originário, fundamental, arcaico do pensamento e da consciência tenta, em vão, no início, impor “violentamente” sua própria apreensão e construção de realidade ao próprio real. Ele tenta sobrepujar o restante do real - todos os outros - e eliminá-lo, ao menos de suas próprias necessidades. Tentamos, em vão, imaginar a satisfação de nossas necessidades e, assim, realizá-las. Entretanto, logo começamos a perceber que essa forma de criação é extremamente

prejudicial, pois, rapidamente, encontramos novas necessidades ou reencontramos a mesma necessidade uma vez, aparentemente, saciada pela fantasia e a sua dura e efetiva frustração. Descobrimos, rapidamente, ao menos em nossas necessidades mais básicas, que o outro, o estranho, o incômodo da transformação, da diferença e da falta, antes de constituírem o externo, constituem a nós mesmos. Freud vai dizer: em última instância, da pulsão não se pode fugir, pois em sendo a si mesmo, não se pode evitar de ser a si mesmo. “A pulsão... Como não provém do exterior, mas agride a partir do interior do corpo, a fuga não é de serventia alguma. ... Daí podemos deduzir uma de suas outras marcas distintivas, isto é, que mesmo as ações de fuga não conseguem eliminá-la, ela é irremovível” (FREUD, 1915, p. 146-147). Podemos até, ao invés de compreender nossas pulsões, como nossos desejos mais profundos, transforma-las em sintomas ou ter de vivê-las em sua forma mais “bruta” na consciência: como angústia. Entretanto, se estamos vivos, ao menos, teremos de suportar a convocação de ter de ser nós mesmos.

Na verdade, só é possível compreender a dualidade destes dois princípios compreendendo que um, o de realidade, é o processo de maturidade do outro, o de prazer, sendo que o primeiro não elimina o segundo. Até mesmo porque não haveria processo de amadurecimento se um suplantasse o outro, como bem assinala Freud: “Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade não implica a destituição do primeiro, mas sim a garantia de sua continuidade. Desse modo, um prazer momentâneo e incerto acerca de suas conseqüências só é abandonado para assegurar que mais tarde, por novas vias, se obtenha um prazer garantido.” (FREUD, 1911, p. 68)

Em outros termos, diríamos que, ao nos tornar gradativamente maduros, adultos nós não eliminamos em nós mesmos o bebê, a criança que fomos um dia, nós a transformamos e o espírito fundamental desta época da vida continua nos constituindo mais profundamente e o cultivo de seu vigor mais autêntico continuará de extrema importância para nós. Por isso, sempre podemos “voltar” a ser crianças, seja, por exemplo, porque temos filhos, voltamos a brincar com eles e, assim, redescobrimos, muitas vezes o sentido da vida: dos jogos, dos desafios, da lógica, da linguagem, da fantasia, da realidade e dos relacionamentos; seja porque por alguma dificuldade regredimos a um estado infantil na forma de um sintoma. É neste sentido que Freud assinala: “Assim, uma parte essencial da disposição psíquica para a neurose deve-se à demora com que a pulsão sexual é ensinada a levar em conta a realidade, bem como às condições que viabilizam tal atraso.” Ora, o sintoma, visto desta perspectiva, só aparece porque nos recolocamos novamente um antigo desafio de crescimento e amadurecimento que, por algum motivo, não o desenvolvemos e

realizamos satisfatoriamente quando o vivemos em outra época. Somos uma vez mais, assim, desafiados por nós mesmos a nos desenvolver obedecendo ao princípio de realidade, i.é, aceitando os limites que nos são impostos por um outro, pelo estranho, pelo próprio real, mesmo que este real seja o insistir de nossas próprias necessidades pulsionais. Assim, o recalque - como o processo que nos protege do desprazer e desaloja o investimento pulsional o fazendo “regredir” (no sentido do amadurecimento) na forma de um sintoma ou fazendo-nos imaginar e construir as cadeias representativas que constituem o pensamento - apesar de obedecer ao princípio do prazer, vai aparecer como o atuante, o gerador do próprio princípio de realidade, como o elemento que impulsiona o desenvolvimento psíquico, na medida em que desafia o poder libertador do pensamento e do próprio crescimento em nós. Não é à toa que o comportamento das crianças, as fantasias, os sonhos, os sintomas, os delírios são tão provocadores de nossos padrões de compreensão do mundo e da vida, de nosso poder interpretativo, de nosso próprio pensamento. Mesmo que esta provocação seja vivida numa recusa que chega às vias de destituir de valor e validade a fantasia, a loucura e até mesmo o modo de relacionamento com o mundo das crianças. Recusa esta a que parece mesmo estar se mostrando a forma dominante com a qual nossa época tem lidado com o desafio ao pensar.

Ao mostrar que o princípio de realidade é uma transformação do princípio de prazer, i. é, que o primeiro se origina deste último e que, em última instância, continua obedecendo a ele, apenas agora tendo, ao menos em desenvolvimento, a faculdade de esperar e trabalhar para obter a satisfação mais adiante, Freud nos chama à atenção algo de muito importante. O surgimento do princípio de realidade é o desenvolvimento, do que chamaremos aqui, de um segundo momento do princípio de prazer, que se caracteriza pelo esforço de desenvolver representações do real que possibilitem uma melhor atuação para a satisfação da necessidade, das pulsões. Assim, o surgimento do princípio de realidade implica num impulsionar a pessoa a desenvolver suas capacidades sensitivas, de memória e representativas, bem como as articulações mais profundas que movem estas capacidades humanas. O desenvolvimento do princípio de realidade, regido pela insistência das necessidades pulsionais e deflagrado pelas frustrações no outro, no estranho, vai impulsionar todo o desenvolvimento psíquico, o que envolve todo o desenvolvimento das capacidades representativas e de conhecimento do homem. Se o princípio de realidade é, antes, mais profundamente regido pelo princípio de prazer e uma sofisticação deste, então, nossas representações mentais, nossas construções conceituais, nosso relacionamento com a realidade, nossa compreensão desta e nossos empenhos pela verdade são, igualmente,

antes, mais profunda e originariamente, regidos pelo princípio do prazer. Usando os termos de Nietzsche, diríamos que o conhecimento é, antes, vontade de poder e, como tal, é movido pelo desejo de realização de nossos mais profundos impulsos vitais. Assim, nossas representações são a busca da descoberta e da construção do sentido mais próprio da singularidade de nossos impulsos ou pulsões de vida.

Entretanto, talvez, o mais espantoso ainda não tenha se revelado. Pois ainda nos insiste a pergunta: como o princípio de realização, de satisfação de uma vontade, ou o princípio do prazer – na linguagem de Freud – transforma-se em meios cada vez mais sofisticados de representação e, em última instância, de satisfação? Não seria o surgimento e desenvolvimento do princípio de realidade o processo em que se descortina a função do estranho, do além, do paradoxal, do outro, da morte, do limite? O que determina, assim, o surgimento e o desenvolvimento do princípio de realidade, i. é, o próprio desenvolvimento psíquico do homem, é a coragem de suportar serenamente o mistério que vige incessantemente em tudo. O surgir do princípio de realidade, antes de ser o desencadear-se das construções representativas, é o princípio do desabrochar da serenidade.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Vol. 1. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pulsões e destinos da pulsão*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Vol. 1. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

\_\_\_\_\_. *O inconsciente*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Vol. 1. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1993.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget

\_\_\_\_\_. *Die Grundbegriffe der Metaphysik*. Gesamtausgabe, band 29/30, Frankfurt a. M.: Vittorio Klostermann, 1983

\_\_\_\_\_. *Col. Os pensadores*. Vol. 5. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do inconsciente*. Obras Completas. Vol. 7/1. Petrópolis: Vozes, 1987.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. São Paulo: Zahar, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de potência*. Trad. Mario D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

\_\_\_\_\_. *Vontade de poder*. Trad. Marcos Sinésio P. Fernandes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.